ANEXO A – DEPOIMENTO DE PROFESSORES

– O QUE FAZER PARA FORMAR LEITORES REFLEXIVOS, CRÍTICOS E AUTÔNOMOS?

1. Prof. C

Acredito que, inicialmente, seja importante ter clara uma concepção de leitura. Tomando-a em seu sentido amplo, como leitura do mundo e da palavra (lembrando Paulo Freire), acredito que seja importante propor práticas de "leitura" que permitam o olhar sobre o cotidiano, sobre a história, sobre as relações sociais, pelo confronto de posturas, ações, textos, discursos. O papel da escola é não silenciar, é deixar que falem os sujeitos a partir de diversas formas. Num sentido mais específico, é preciso mobilizar o prazer pela leitura, a partir da prática cotidiana de reflexão sobre a própria realidade, o que pode, na escola, acontecer a partir de práticas leitoras constantes, com a leitura de textos diversos. A família contribui, mas o professor tem uma função especial na mediação dessa prática. No nosso Núcleo de Leitura Multimeios, na UEFS, defendemos esta mobilização pela qual o professor é responsável na sala de aula. Um passo inicial importante são as contações de história, quando o professor memoriza ou lê os textos em voz alta, investindo nas expressões faciais e entonações, também responsáveis pela construção de sentido. Outro passo (o mais importante) são as discussões que advêm das leituras, as quais possibilitam confronto de posições, valores, crenças. Isso contribui para a formação de leitores reflexivos e críticos. É preciso deixar que os sujeitos "falem" sobre o mundo à sua volta e possam vislumbrar modos de intervir/transformar essa realidade.

2.Prof. V

Eu acredito que para formar leitores reflexivos, críticos e autônomos primeiro é preciso formar leitores. Leitores com o simples habito de ler, não por obrigação ou para atividades de avaliação, mas por prazer. Quando o indivíduo lê com fluência e naturalidade, ele obviamente tem mais facilidade de compreensão do mundo que o cerca.

Um bom exemplo desse tipo de formação foi o que aconteceu na escola onde trabalho. Alunos de todas as séries e professores de todas as disciplinas foram envolvidos num projeto de leitura que durou até o final do ano letivo e pretendemos torná-lo permanente, pois deu muito certo e, com o tempo, o aprimoraremos ainda mais.

Cada professor tinha um dia na semana dedicado à leitura prazerosa: montávamos um caixa com livros de literatura, documentários, livros de arte, etc., e levávamos os alunos para um ambiente diferente do da sala de aula como, por exemplo, em baixo de uma árvore, ou um local preparado com tapetes e almofadas onde os meninos ficavam à vontade para que escolhessem, manuseassem, folheassem e, por fim, lessem o livro que queriam sem cobrança. No início alguns meninos não se interessaram, mas depois já estavam todos envolvidos pelo projeto e ficavam ansiosos por esse dia.

Outro aspecto importante observado foi o da autonomia leitora dos alunos, que procuravam constantemente a biblioteca para empréstimos de livros, e por fim tínhamos uma escola com um considerável número de leitores.

3. Prof. B

Por acreditar que ler é uma viagem, faço meu aluno acreditar que deve estar pronto para se aventurar rumo ao desconhecido, munido de filmadora, máquina fotográfica, óculos, binóculos, mapas, lentes de aumento e principalmente "olhos de ver". Tudo que lhe permita o desvendar dos mistérios, a ultrapassagem dos obstáculos, o decifrar dos enigmas. Oriento-o a não se chocar com os absurdos, buscar entendê-los, a expressar o que sente diante das paisagens, da subjetividade, das alegorias, entendendo-as, por vezes, como fruto do imaginário, da sensibilidade, ao se deparar com ruínas recorrer ao contexto sócio-histórico-cultural Alerto-o a estabelecer um diálogo permanente com o visível e o imaginário.

Por compreender que ler é prazer, tem a função da sinestesia, pois mistura as várias sensações, seleciono os textos como se fossem frutas maduras prontas a serem saboreadas. Partimos para a degustação, cheirando, bebendo, mastigando. Estalamos a língua, lambemos os lábios, suspiramos. Vamos atrás das sensações múltiplas, diversificadas, do gostoso, do doce, do suave, do amargo, do azedo, do gelado e do quente. Chegamos ao delírio ao compreendermos o lúdico, o jogo, o entrelaçamento do gozo com o choro e o riso.

Por entender que, ao abrir portas para o mundo, se exerce a cidadania, adquire-se competência e habilidade para fazer inferências, para compreender vozes, tirar conclusões a partir dos dados armazenados, estimulo a reflexão, desafio as discussões sobre os assuntos mais complexos e polêmicos, de repente está ele pronto para ouvir a própria voz..

Por entender que empecilhos existem procuro derrubá-los com estratégias diversificadas: costuro Lulu Santos (Como uma Onda) com Camões (Mudam-se os tempos); Castro Alves (Navio Negreiro) com Gil e Caetano (Haiti). Convido cada aluno a fazer um recuo no tempo e no espaço. Atravessamos a Rua do Ouvidor, em pleno século XIX. "De repente" cruzamos com Capitu, Bentinho, Aurélia, Seixas e até com Machado de Assis e José de Alencar. Pesquisamos, idealizamos cenário e figurino. Deciframos o enigma dos heterônimos de Fernando Pessoa e penetramos no intrincado universo literário de Clarice Lispector. De repente "momento epifânico" os alunos surpreendem com depoimentos como esses: "Ao estudar Fernando Pessoa e Clarice Lispector fui apresentado a características literárias intrigantes. O fluxo de consciência de Clarice apresenta uma maneira inovadora de lidar com a essência do comportamento e das relações sociais do ser humano [...] Já Fernando Pessoa desenvolve o fenômeno da heteronímia. Sua obra revela características linguísticas e temáticas distintas. No seu arsenal de heterônimos, alguns até com biografias, está a sua maestria, pois ele revela sua capacidade de ser vários poetas em um só.[...]". "Seria impossível negar o fato de que este estudo de Fernando Pessoa não aumentou ainda mais a chama do meu amor pela literatura.[...] Foi maravilhoso viajar entre seus versos musicais e indagações individuais. [...]" Após a leitura da poesia de Mário Quintana, Ilka Brunhildes, José Paulo Paes, Henriqueta Lisboa, montamos um "painel" de colagem interpretando os poemas. Assim os alunos a eles se referem: "Este projeto me fez reconhecer que sou muito criativo e comecei a gostar muito de poemas. Essa experiência me fez perceber muita coisa sobre eu mesmo. [...]" "Esse projeto resultou numa experiência divertida e inovadora. Cada momento me ajudou a compreender mais os poemas e expressar meu pensamento sobre eles."

4. Prof. S

"Acredito que para promover a formação de leitores com estas características, as práticas pedagógicas, em torno do estudo da linguagem, devem contemplar a leitura e a análise de textos de variados gêneros (argumentativo, dissertativo, narrativo, etc.) que circulam socialmente. É necessário que o professor ajude o aluno a reconhecer que as interações sociais ocorrem em forma de textos (orais e escritos) e que para cada intenção comunicativa são utilizados arranjos e combinações de elementos lingüísticos (uso de substantivos, verbos, adjetivos, pronomes, neologismos, figuras de linguagens, pontuação, etc.) os quais, não são empregados de forma aleatória, mas para atender aos propósitos pretendidos por seus enunciadores, tem a função de produzir efeitos de sentidos.

Além desses aspectos, também é fundamental que o professor oriente o aluno a se posicionar criticamente diante do material lido. É importante que o aluno perceba que a compreensão textual não está condicionada apenas à decifração da estrutura de um texto escrito e da identificação, da captura, das "ideias do autor". A leitura proporciona a reflexão, o confronto de opiniões e argumentos, a discordância, a desconstrução de "verdades", o julgamento de propostas. O aluno precisa conscientizar-se de que ele não é obrigado a concordar com as afirmações que aparecem no texto. Este precisa reconhecer que as circunstâncias envolvidas na produção de um texto diferem das circunstâncias da sua leitura e que nenhum texto é neutro, nele são veiculados modos de ver o mundo e crenças.

Creio que a leitura de textos (produzidos pelos alunos, escritos por pessoas da comunidade ou de outras localidades, pelos professores da escola) que abordam diferentes temas, a produção de debates, de discussões são atividades cotidianas em sala de aula, as quais ajudarão o aluno a pensar sobre como funciona a língua.

5. Prof.ª N

Oi, Su,

Acho interessante passar pra você uma experiência que tive numa Escola Pública.

O Colégio foi fundado em janeiro de 1995, situa-se no subúrbio de Salvador, no bairro Paripe e oferece ensino fundamental e médio (5ª a 8ª série, 1º, 2º e 3º ano),e a modalidade de Educação para Jovens e Adultos. Em sua estrutura física possui 12(doze) salas de aulas, com 36 (trinta e seis) turmas, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno; sem espaço de lazer ou salas ambiente para atendimento dos alunos. A maioria dos alunos não possui estímulo para leitura e acham a leitura um processo cansativo e chato. Aproximadamente dois anos atrás eu lecionei redação para uma sala do 1º ano do ensino fundamental. Eram poucos alunos, quase todos desmotivados e não costumavam ler, um aluno em especial não se identificava com as leituras realizadas em sala. O nome dele: E... Tivemos a oportunidade de conversar sobre o tipo de leitura desse aluno. Em se tratando de livros, o mesmo nunca tinha tido oportunidade de ler um livro, muito menos um capítulo. Pois nunca foi oportunizado a ele. Questionei qual tipo de filme o aluno gostava de ver, o q gostava de fazer nas horas vagas etc, etc. De acordo com as respostas dele encontrei um livro que, na minha opinião, seria de interessante. Emprestei o livro a ele e disse q ele deveria tentar ler, tentar parar com a resistência a leitura. Ele pegou o livro em minhas mãos, fez uma cara de pouco interesse e foi embora. Esse mesmo aluno participava de um projeto para jovens carentes e tinha aula de teatro, coisa

assim e tinha dificuldade de ler os textos. QUla não foi minha surpresa quando uam semana depois ele veioa té a mim, com os olhos brilhando de felicidade dizendo q tinha começado a ler o livro e não acreditava q estava amando a leitura!!!! Até o comportamento dele no projeto melhorou. A professora o parabenizou e a partir desse livro uma nova história de vida começou pra E... Por causa disso ele foi convidado pelo projeto a viajar para a Argentina E DAR O DEPOIMENTO DELE sobre o O PRIMEIRO LIVRO QUE LEU AO 17 anos de idade. E não parou por aí... Ele continua com as leituras e até já me emprestou livros. Melhorou a participação em sala, etc,etc. iSSO FOI muito marcante pra mim. Me lembrei e achei importante passar pra vc. Nós iremos filmar um depoimento dele. Depois te mostro. Bjs.

6. Prof.ª O

Na minha opinião, a condição básica para isso é que você realmente acredite que aquele ser é capaz de se tornar essa pessoa. Outra condição essencial é que você simplesmente esqueça tudo o que pode ter contribuído de uma forma ou de outra para a sua formação e deixe que cada pessoa siga seu processo, pois somos seres singulares.

O que funcionou pra você não vai necessariamente servir para o outro. O fato de eu ser mãe de uma “menina” de 16 anos, me ajudou muito a compreender isso. Houve um tempo em que eu tentava propor a ela a leitura de livros que foram básicos na minha formação de leitora. Livros que eu tinha devorado e que achava impossível que alguém pudesse não se interessar também.

E sabe o que foi que realmente fez da minha filha uma leitora assídua? O fato de eu ter lido os três volumes do Harry Poter todas as noites antes dela dormir. Claro que teve um monte de livros infanto-juvenis, mas foi quando disse, filha, não vou poder ler pra você esses dias. Ela, já tomada pela curiosidade, assumiu a letura do livro e aí não parou mais.

A gente tem que lançar mão de estratégias de encantamento. A parceria com o mundo da ARTE é imprescindível. Ampliar o conceito de livro com atividades de confecção de livros artesanais, jogos, muito teatro, passeios a museus, brincadeira de fundo de quintal... vale tudo nessa aventura que é transportar a garotada para um estado de criação que não tem mais volta.

Quando o jovem participa de vivências enriquecedoras, ele mesmo não vai conseguir ficar recebendo todo esse lixo produzido pela sociedade de consumo.
É claro que a família também tem papel de destaque nessa empreitada. Mas mesmo não convivendo com pessoas leitoras, a criança traz em si uma necessidade de elaboração da realidade e nosso papel como educadores é oferecer diferenciadas experiências e deixar que cada um siga seu processo de forma que melhor lhe convir.

7. Prof.ª E

Enquanto professora de língua portuguesa, percebo que a formação de leitores reflexivos, críticos e autônomos tem sido uma questão crucial para a escola, tendo em vista que, sob esse aspecto, ela não vem alcançando muito êxito. Assim, a leitura e a escrita tornam-se desafios a serem conquistados, principalmente na escola pública, considerando a realidade do nosso país em que muitos desse público possuem acesso bastante restrito aos materiais de leitura.

Porém, cabe ressaltar que, muitas vezes, o pouco material de leitura existente na escola nem sempre é bem utilizado. Sob esse aspecto, considero que não basta apenas o ambiente de leitura, é necessário ao leitor uma convivência numa ambiência de leitura. Compreendo que uma ambiência de leitura em casa e na escola é fundamental para a formação do leitor reflexivo, critico e autônomo. Na escola, quando o professor fala de suas leituras para os alunos com um entusiasmo natural, está despertando para a importância da leitura. Se suas leituras são críticas e reflexivas, as atividades de leitura propostas aos alunos despertarão à reflexão crítica.

Dessa maneira, a formação de leitores depende de muitas coisas, a começar sob o aspecto estrutural, uma biblioteca que atenda ao público e que esta seja uma ambiência de leitura, depende de propostas pedagógicas de leitura que despertem o senso crítico e que incentivem a produção escrita. As práticas de leitura na escola não devem ser improvisadas, mas planejadas tendo como referência os interesses dos alunos, ou despertar os interesses dos alunos.

8. Prof.ª M

A leitura é utilizada por nós hoje em todos os locais e com diversas finalidades em nossas vidas: no trabalho, na escola ou em casa. A formação do leitor inicia-se no âmbito escolar e se processa em longo prazo, tendo como mediador o professor. O comportamento do ato de ler não pode ser delegado somente à escola, deve ser uma parceria entre escola e família.

Para formarmos leitores reflexivos, críticos e autônomos, não depende apenas de colocar o aluno para ler, mas sim para praticar constantemente a leitura dos vários textos e extrair deles seu significado, a leitura tem que ir além da decodificação de palavras e frases. Temos que usar mecanismos que desperte o senso crítico do aluno e que a leitura deixe de ser encarada como atividade sem significado para o aprendizado dos alunos. A prática de ensino da leitura coerente deve ser realizada na escola com a presença de professores leitores. As atividades contextualizadas apresentam resultados muito mais positivos do que as atividades descontextualizadas.

A leitura deve se apresentar como uma necessidade, um gosto para despertar o prazer no estudante para que ele possa absorver e aprender cada vez mais além de desenvolver competências leitoras dentro de fora da escola. Para isso, a escola precisa rever seus conceitos e ter definido que tipo de leitor quer formar e que tipo de leitura está disponibilizando para seus alunos a fim de que se tornem leitores críticos.

Portanto, a tarefa de formar leitores é de responsabilidade não apenas de nós, professores de Língua Portuguesa, mas dos educadores das diversas disciplinas, já que a leitura é instrumento de apropriação do conhecimento, é ferramenta que permite aprender a aprender, configurando-se como uma atividade de ensino em todas as áreas. Cabe à escola a tarefa de oportunizar ao estudante situações de ensino-aprendizagem que contextualizam os conhecimentos que os mesmos já trazem quando chegam à escola e vão adquirindo nas aulas. Ser leitor é compreender situações para a formação cultural do indivíduo, atividade que pode contribuir para a formação do sujeito e também determina a sua condição de atuante no seu meio sócio-cultural.